



RELATÓRIO ESPECIAL

As eleições nos EUA e implicações para a América Latina

Miami-Madrid, Novembro 2016

d+i desenvolvendo
ideias

LLORENTE & CUENCA

APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

AS ELEIÇÕES NOS EUA E IMPLICAÇÕES PARA A AMÉRICA LATINA

1. IMPLICAÇÕES PARA A AMÉRICA LATINA
2. VÍNCULOS DOS CANDIDATOS COM A AMÉRICA LATINA
3. CONCLUSÃO

No próximo dia 8 de novembro, mais de 200 milhões de americanos são chamados às urnas para eleger o próximo presidente. Será então que, após meses de combate entre o candidato republicano Donald Trump e a democrata Hillary Clinton, saberemos quem será a próxima pessoa a ocupar a Sala Oval da Casa Branca.

A corrida presidencial tem sido marcada em grande parte pelas personalidades dos candidatos e pelo uso das suas estratégias de comunicação.

O último frente a frente entre os candidatos, no passado dia 20 de outubro, ofereceu desde discussões sobre assuntos de índole nacional até acusações e ataques pessoais.

O certo é que, em qualquer caso, a corrida à Casa Branca tem sido caracterizada por um período de incerteza. E ainda são poucos os que se atrevem a vaticinar com segurança se Trump poderá ser eleito presidente apesar dos prognósticos que apontam no sentido contrário, ou se, pela primeira vez, será uma mulher a chegar à presidência dos Estados Unidos.

Além da incerteza, se algo ficou patente ao longo destes meses foi a perda de confiança dos cidadãos norte-americanos nas classes dirigentes e o desgaste dos partidos políticos.

Os Estados Unidos estão quase a viver grandes mudanças tanto a nível interno como nas suas relações exteriores. Em paralelo, a América Latina vive um momento de mudança marcado ainda por uma forte dependência da conjuntura dos mercados internacionais e em cujo futuro incidirão sem dúvida as relações bilaterais mantidas entre os EUA e os países que compõem a heterogénea região. As mudanças políticas em países como o Brasil ou a Argentina, a abertura da política americana a Cuba, a conjuntura económica marcada pela baixa dos preços das *commodities* depois da queda da China e as mudanças sociais na região deram lugar a um novo cenário que se prolongará em 2017 ao compasso da nova fase estado-unidense. Em suma, um sem-fim de questões precede a nova era que se abre nos Estados Unidos quando o 45.º presidente tomar posse no próximo dia 20 de janeiro.

Portanto, a questão é: Quais serão as implicações para a América Latina após a eleição do novo presidente?

Erich de la Fuente

Sócio e diretor geral da LLORENTE & CUENCA EUA

Tomás Matesanz

Diretor geral corporativo da LLORENTE & CUENCA

“Nada indica que a América Latina será uma preocupação central na política exterior do novo presidente”

AS ELEIÇÕES NOS EUA E IMPLICAÇÕES PARA A AMÉRICA LATINA

1. IMPLICAÇÕES PARA A AMÉRICA LATINA

Ao mudarem as preocupações geoestratégicas mundiais dos Estados Unidos após a queda do Muro de Berlim e os ataques terroristas de 11 de setembro, a América Latina deixou de ser uma prioridade para a política exterior do seu vizinho do norte. A chegada de um novo mandatário à Casa Branca em janeiro de 2017 lança a pergunta sobre qual a prioridade para a região nos próximos anos.

Depois de se observar os temas de discussão durante a contenda presidencial estado-unidense, nada indica que a América Latina será uma preocupação central na política exterior do novo presidente. Os candidatos têm feito pouca menção da região e, na prática, os seus programas têm pouco conteúdo específico sobre a temática latino-americana.

Nisto há uma coincidência entre os dois candidatos aspirantes à Presidência da República. Nem para a candidata democrata, Hillary Clinton, nem para o republicano Donald Trump, a América Latina tem uma particular transcendência, nem tem mais importância para nenhum dos dois do que a concedida desde meados da década de noventa pelas presidências anteriores.

Apesar de, efetivamente, nenhum dos candidatos encarar a região latino-americana como prioritária, isto não significa que não seja preciso destacar as diferenças entre um e o outro aspirante à presidência nos temas principais em que a América Latina está presente na campanha eleitoral americana: política de comércio exterior e imigração.

A possível modificação do Tratado de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA em inglês) entre os Estados Unidos, o Canadá e o México, e a ratificação do Acordo Transpacífico de Cooperação Económica (TPP em inglês), que inclui doze países, entre eles o México, o Peru e o Chile, suscitaram polémica durante a contenda eleitoral e podem ter maior repercussão. Na sua atitude protecionista, Trump mantém-se firme na sua oposição relativamente a ambos os acordos de livre comércio que, nas palavras dos seus seguidores, poderia implicar a destruição de postos de trabalho nacionais. Trump prometeu não assinar o TPP se chegar à presidência e, se for necessário, também romper com o NAFTA se não for possível renegociá-lo em termos “vantajosos” para os Estados Unidos.

Já Hillary, embora inicialmente partidária dos acordos, recentemente criticou aspetos do

“A candidata democrata não oferece novas propostas sobre o tema, mas mantém uma linha continuísta”

NAFTA e manifestou-se contra o TPP, ainda que de maneira muito mais tibia e ambígua. No entanto, tudo parece indicar que a sua posição tem mais a ver com a tentativa de captar o voto nacional do que com uma visceral oposição à liberalização comercial. É difícil supor que a candidata chegará a romper com o NAFTA, acordo que ela apoiou arduamente como primeira-dama e que foi assinado pelo seu marido e ex-presidente Bill Clinton. E embora agora também tenha mostrado oposição aos termos em que se formulou o TPP, é importante recordar que Hillary foi uma grande impulsora do acordo enquanto esteve como secretária de Estado na administração do presidente Barack Obama. Se for eleita, muitos esperam que regresse à sua posição original de apoiar estas iniciativas.

Não obstante, e apesar das diferenças, ambos os candidatos abandonaram a tradição nacional impulsionada tanto por presidentes republicanos como por democratas, baseada na convicção das vantagens do comércio livre.

O desencontro é maior no que diz respeito à política migratória. Donald Trump transformou a imigração ilegal no assunto estrela da campanha. A sua proposta eleitoral para afrontar o tema da imigração ilegal baseia-se em construir um “muro impenetrável” na fronteira entre

o México e os Estados Unidos e expulsar os indocumentados que vivem no país. Tem-se focado principalmente na imigração latino-americana, especialmente a mexicana, chegando a declarar no seu melhor estilo “reality TV” que os Estados Unidos estão “cheios de *bad hombres* e se deve expulsá-los do país”.

Tem um discurso emocional e com falta de detalhes que apontam para soluções práticas, mas a sua mensagem é simples e apela para um amplo setor da população americana que vê a imigração vinculada com a redução de empregos e salários, bem como a ameaça do terrorismo internacional. Além disso, vincula a imigração ilegal com o problema do tráfico de drogas, chegando a declarar que “Nós recebemos as drogas e eles, o dinheiro”.

Além das suas posições férreas quanto à imigração ilegal, Trump também gera grande polémica na sua forma de expressar tal formulação. Muitos latino-americanos nascidos nos EUA e latino-americanos que vivem no país sentem-se ofendidos e insultados pelas declarações de Trump. Isto aumentou o apoio a Hillary neste setor demográfico, que em linhas gerais tem tendência para votar no partido democrata.

Por seu turno, Hillary já prometeu em 2008 que abordaria a reforma do sistema de imigração se chegasse à Casa Branca. A candidata democrata não oferece

“No que diz respeito a Trump, há mais incertezas do que certezas relativamente à América Latina”

novas propostas sobre o tema, mas mantém uma linha continuísta cuja aspiração é a regularização da situação dos imigrantes. É previsível que Hillary implante políticas de continuidade do legado de Obama mas, ao contrário do atual presidente, apresente ao Congresso um projeto de lei para reformar o sistema migratório. Isto faz com que sua posição em matéria de imigração seja radicalmente oposta à de Trump.

2. VÍNCULOS DOS CANDIDATOS COM A AMÉRICA LATINA

Durante o período em que foi secretária de Estado, Clinton desenvolveu boas relações com vários líderes latino-americanos. Pelo menos no discurso, a candidata Hillary Clinton manifesta vínculos e interesses comuns que unem os Estados Unidos à América Latina, algo que entende como “vantagem” e não como inconveniente. Além disso, a sua experiência em relações internacionais é respeitada na região e as suas relações com representantes diplomáticos latino-americanos posicionam-na como a contraparte com quem a maioria dos presidentes na América Latina prefere interagir.

As suas declarações também transmitem uma mensagem positiva na qual destaca a importância de manter boas relações com as economias mais impor-

tantes da região. Isto já para não falar da sua proposta que diz respeito aos temas de segurança e à luta contra o terrorismo e o tráfico de drogas, áreas em que há anos existe uma relação estreita entre os Estados Unidos e a América Latina. Por último, a sua escolha para a vice-presidência é o senador Tim Kaine, o qual trabalhou com missionários jesuítas nas Honduras e fala fluentemente o espanhol. A expectativa é que, se Hillary for eleita, o senador Kaine seja uma figura importante no seu mandato para construir laços com a região.

No que diz respeito a Trump, há mais incertezas do que certezas relativamente à América Latina. A razão fundamental é porque possivelmente o candidato não tem interesse neste âmbito nem conhecimentos profundos da região. A sua prioridade são os assuntos domésticos. Os seus lemas eleitorais são “Make America Great Again” (fazer os Estados Unidos grandes de novo) e “America First” (os Estados Unidos primeiro). Trump crê que deve concentrar-se quase exclusivamente nos assuntos internos e questiona que os Estados Unidos tenham uma responsabilidade especial de exercer liderança no mundo.

Sabe-se pouco sobre a sua visão da América Latina. Por conseguinte, ele não expôs planos e propostas sobre as relações que manterá com a região. Além das

“Além desses temas que surgiram na campanha eleitoral, existem vários temas fundamentais em que os Estados Unidos e países da América Latina cooperam há anos”

suas propostas sobre o tema migratório e sobre os tratados de livre comércio, o único tema relacionado com a região que reiterou em várias ocasiões é sua futura política com Cuba. Mas inclusivamente neste tema tem deixado mais dúvidas do que certezas. Primeiro, Trump mostrou-se a favor da política de abertura do presidente Obama, limitando-se a criticar os termos da negociação. Recentemente mudou de posição num discurso em Miami quando disse que, se for eleito presidente, reverterá a abertura dos Estados Unidos a Cuba a menos que se produzam “liberdades religiosas e políticas” na ilha. Dias depois, um artigo na revista *Newsweek* revelou que Donald Trump explorou oportunidades de negócios em Cuba em 1998. Enfim, a sua posição real não é clara.

3. CONCLUSÃO

Se algo ficou claro das campanhas de ambos os candidatos à presidência dos Estados Unidos e das suas aparições perante a opinião pública é que a América Latina não está entre as prioridades nem foi o tema principal de uma campanha que tem estado mais centrada nos assuntos internos. Posto isso, o certo é que a visão de um e do outro provavelmente influenciará as relações com a região.

Existem dois temas principais em que a América Latina está presente na campanha eleitoral

americana: política de comércio exterior e imigração. Ambos os candidatos hoje criticam os tratados de comércio exterior do NAFTA e TPP. Para Trump, este tema foi uma peça angular da sua campanha destacando que os renegociaria para ajudar os cidadãos americanos, especialmente os que ficaram desempregados. No caso de Hilary, que também os criticou durante a sua recente candidatura à presidência citando razões similares, a expectativa é que os apoiará se for eleita dado que assim o fez no passado quando as iniciativas foram impulsionadas pelos presidentes Bill Clinton e Barack Obama, respetivamente.

Além desses temas que surgiram na campanha eleitoral, existem vários temas fundamentais como, por exemplo, a segurança, a cooperação na luta contra o terrorismo internacional e os esforços contra o tráfico de drogas em que os Estados Unidos e países da América Latina cooperam há anos. Dada a sua aproximação geográfica e os interesses comuns, continuarão a fazê-lo, independentemente de quem chegar à Casa Branca.

São muitas as questões que configuram o futuro dos Estados Unidos e as suas relações com a América Latina. Muitas delas dependerão do resultado das eleições americanas no próximo dia 8 de novembro. Será então que, ganhe quem ganhar, os Estados Unidos inaugurarão um novo período político.

LLORENTE & CUENCA

DIREÇÃO CORPORATIVA

José Antonio Llorente
Sócio fundador e presidente
jalloriente@llorenteycuenca.com

Enrique González
Sócio e CFO
egonzalez@llorenteycuenca.com

Adolfo Corujo
Sócio e diretor geral corporativo de
Talentos, Organização e Inovação
acorujo@llorenteycuenca.com

Tomás Matesanz
Diretor geral corporativo
tmatesanz@llorenteycuenca.com

DIREÇÃO ESPANHA E PORTUGAL

Arturo Pinedo
Sócio e diretor geral
apinedo@llorenteycuenca.com

Goyo Panadero
Sócio e diretor geral
gpanadero@llorenteycuenca.com

DIREÇÃO AMÉRICA LATINA

Alejandro Romero
Sócio e CEO América Latina
aromero@llorenteycuenca.com

José Luis Di Girolamo
Sócio e CFO América Latina
jldgirolamo@llorenteycuenca.com

DIREÇÃO DE TALENTO

Daniel Moreno
Diretor de Talento
dmoreno@llorenteycuenca.com

Marjorie Barrientos
Gerente de Talento
para Região Andina
mbarrientos@llorenteycuenca.com

Eva Pérez
Gerente de Talento
para América do Norte, América
Central e Caribe
eperez@llorenteycuenca.com

Karina Sanches
Gerente de Talento para
Cone Sul
ksanches@llorenteycuenca.com

ESPAÑA E PORTUGAL

Barcelona

María Cura
Sócio e diretora geral
mcura@llorenteycuenca.com

Muntaner, 240-242, 1º-1ª
08021 Barcelona
Tel. +34 93 217 22 17

Madrid

Joan Navarro
Sócio e vice-presidente
Assuntos Públicos
jnavarro@llorenteycuenca.com

Amalio Moratalla
Sócio e diretor sénior
amoratalla@llorenteycuenca.com

Latam Desk
Claudio Vallejo
Diretor sénior
cvallejo@llorenteycuenca.com

Lagasca, 88 - planta 3
28001 Madrid
Tel. +34 91 563 77 22

Ana Folgueira
Diretora geral de Impossible Tellers
ana@impossibletellers.com

Impossible Tellers
Diego de León, 22, 3º izq
28006 Madrid
Tel. +34 91 438 42 95

Lisboa

Madalena Martins
Sócia
mmartins@llorenteycuenca.com

Tiago Vidal
Diretor geral
tvidal@llorenteycuenca.com

Avenida da Liberdade nº225, 5º Esq.
1250-142 Lisboa
Tel. + 351 21 923 97 00



Sergio Cortés
Sócio. Fundador e presidente
scortes@cink.es

Calle Girona, 52 Bajos
08009 Barcelona
Tel. +34 93 348 84 28

EUA

Miami

Erich de la Fuente
Sócio e diretor geral
edela Fuente@llorenteycuenca.com

600 Brickell Ave.
Suite 2020
Miami, FL 33131
Tel. +1 786 590 1000

Nova Iorque

Latam Desk
Lorena Pino
Consultora sénior
lpino@llorenteycuenca.com

Abernathy MacGregor
277 Park Avenue, 39th Floor
New York, NY 10172
Tel. +1 212 371 5999 (ext. 374)

Washington, DC

Ana Gamonal
Diretora
agamonal@llorenteycuenca.com

10705 Rosehaven Street
Fairfax, VA 22030
Washington, DC
Tel. +1 703 505 4211

MÉXICO, AMÉRICA CENTRAL E CARIBE

Cidade do México

Juan Rivera
Sócio e diretor geral
jrivera@llorenteycuenca.com

Av. Paseo de la Reforma 412, Piso 14,
Col. Juárez, Del. Cuauhtémoc
CP 06600, Cidade do México
Tel. +52 55 5257 1084

Havana

Pau Solanilla
Diretor geral para Cuba
psolanilla@llorenteycuenca.com

Lagasca, 88 - planta 3
28001 Madrid
Tel. +34 91 563 77 22

Panamá

Javier Rosado
Sócio e diretor geral
jrosado@llorenteycuenca.com

Sortis Business Tower, piso 9
Calle 57, Obarrio - Panamá
Tel. +507 206 5200

Santo Domingo

Iban Campo
Diretor geral
icampo@llorenteycuenca.com

Av. Abraham Lincoln 1069
Torre Ejecutiva Sonora, planta 7
Tel. +1 809 6161975

REGIÃO ANDINA

Luisa García
Sócia e CEO Região Andina
lgarcia@llorenteycuenca.com

Bogotá

María Esteve
Diretora geral
mesteve@llorenteycuenca.com

Carrera 14, # 94-44. Torre B - of. 501
Tel. +57 1 7438000

LIMA

Luis Miguel Peña
Sócio e diretor sénior
lmpena@llorenteycuenca.com

Humberto Zogbi
Presidente
hzogbi@llorenteycuenca.com

Av. Andrés Reyes 420, piso 7
San Isidro
Tel. +51 1 2229491

Quito

Alejandra Rivas
Diretora geral
arivas@llorenteycuenca.com

Avda. 12 de Octubre N24-528 y
Cordero - Edificio World Trade
Center - Torre B - piso 11
Tel. +593 2 2565820

Santiago de Chile

Claudio Ramírez
Sócio e gerente geral
cramirez@llorenteycuenca.com

Magdalena 140, Oficina 1801.
Las Condes.
Tel. +56 22 207 32 00

AMÉRICA DO SUL

Buenos Aires

Pablo Abiad
Sócio e diretor geral
pabiad@llorenteycuenca.com

Daniel Valli
Diretor sénior de Desenvolvimento
de Negócios Cone Sul
dvalli@llorenteycuenca.com

Av. Corrientes 222, piso 8. C1043AAP
Tel. +54 11 5556 0700

Rio de Janeiro

Yeray Carretero
Diretor executivo
ycarretero@llorenteycuenca.com

Rua da Assembleia, 10 - Sala 1801
RJ - 20011-000
Tel. +55 21 3797 6400

São Paulo

Marco Antonio Sabino
Sócio e presidente Brasil
masabino@llorenteycuenca.com

Juan Carlos Gozzer
Diretor geral
jgozzer@llorenteycuenca.com

Rua Oscar Freire, 379, Cj 111,
Cerqueira César SP - 01426-001
Tel. +55 11 3060 3390



d+i desenvolvendo ideias

LLORENTE & CUENCA

Desenvolvendo Ideias é o Centro de Ideias, Análise e Tendências da LLORENTE & CUENCA.

Porque estamos testemunhando um novo modelo macroeconômico e social. E a comunicação não fica atrás. Avança.

Desenvolvendo Ideias é uma combinação global de relacionamento e troca de conhecimentos que identifica, se concentra e transmite os novos paradigmas da comunicação a partir de uma posição independente.

Desenvolvendo Ideias é um fluxo constante de ideias que adianta os avanços da nova era da informação e da gestão empresarial.

Porque a realidade não é preta ou branca existe

Desenvolvendo Ideias.

www.desenvolvendo-ideias.com

www.revista-uno.com